

Escritas urbanas, corpo e cidade contemporânea: pelo enriquecimento da experiência urbana

Bárbara Hypólito

Bárbara Hypólito é Arquiteta e Urbanista, Mestre em Arquitetura e Urbanismo – PRO-GRAU|UFPEL, e doutoranda pelo PROPUR/UFRGS; barbarahypolito@hotmail.com

Resumo

A relação estabelecida entre corpo e cidade através da intervenção das escritas urbanas no espaço público é o que trata este artigo. Investe na experiência de vivenciar a cidade contemporânea no encontro com suas manifestações públicas e artísticas, buscando ações alternativas para escapar da passividade corporal instaurada por um sistema que desenvolve cidades e sociedades descorporificadas e empobrecidas no que se refere à experiência urbana. Pretende ampliar a discussão acerca do planejamento das cidades, as possibilidades de leitura e de produção do espaço urbano incentivadas por ações sociais e artísticas, micropolíticas, de resistência sensível.

Palavras-chave: experiência urbana, corpo, cidade contemporânea, escritas urbanas.

Abstract

The relationship established between body and city through the intervention of urban writings in the public space is what this article addresses. It invests in the experience of living the city in the contemporaneity in its public and artistic events, seeking alternative actions that allow for escaping from a bodily passiveness instituted by a system which develops cities and societies disembodied and impoverished with regard to the urban experience. It aims at extending the discussions about city planning, about the possibilities of reading and producing the urban space, encouraged by social and artistic actions, micropolitics, and sensitive resistance.

Keywords: urban experience, body, contemporary city, urban writings.

Resumen

La relación que se establece entre el cuerpo y la ciudad a través de la intervención escrita urbano en el espacio público es lo que este artículo. Invierte en la experiencia de experimentar la ciudad contemporánea en el cumplimiento de sus actos públicos y artísticos, buscando alternativas de acción para escapar de la pasividad organismo creado por un sistema que desarrolla las ciudades y las sociedades sin cuerpo y empobrecidas en cuanto a la experiencia urbana. Para extender las discusiones acerca de la planificación urbana, las posibilidades de lectura y producción del espacio urbano alentado por las acciones sociales y artísticas, resistencia micro, sensible.

Palabras-clave: la experiencia urbana, cuerpo, ciudad contemporánea, escrita urbano.

Introdução

Este artigo apresenta parte dos resultados obtidos ao final da dissertação de mestrado intitulada “Corpo, cidade e escritas urbanas: cartografia no espaço público da cidade contemporânea”¹. A pesquisa investiu na experiência de vivenciar a cidade na contemporaneidade, e aborda a relação estabelecida entre corpo e cidade através da intervenção das escritas urbanas no espaço público.

Apostou no método da cartografia (DELEUZE; GUATTARI 1995; KASTRUP, 2010; ROLNIK, 2011) a fim de explorar algumas possibilidades de leitura do espaço urbano da cidade de Pelotas/RS, a partir da experiência do corpo afectado pela interferência das escritas urbanas.

Justifica-se pela necessidade de ampliação nas formas de estudo do ambiente urbano contemporâneo, tendo o corpo como fio condutor para a leitura deste cenário, a partir de sua experiência ativa pela cidade, pelos elementos e linguagens que a compõe. Dessa forma, a pesquisa lança um olhar investigativo sobre a cidade contemporânea, as manifestações expressas e a experiência corporal realizada pelo espaço público.

Escritas urbanas

Sobre as peles da cidade se inscrevem palavras, frases, poéticas urbanas. São escritas urbanas (*graffiti*, *stencil*, *lambe*, *pixação*²), expressões gráficas manifestas no espaço público, que se utilizam da cidade e da arquitetura como suportes e instrumentos de ação, comunicação e protesto. Elementos visuais que interferem no cotidiano da experiência urbana, na construção e leitura da cidade e na constituição de sujeitos no contexto urbano e social das cidades contemporâneas. Uma ação que relaciona escrita, arte, território, urbanismo, práticas sociais, desejos e criação de espaços relacionais.

Tais escritas funcionam como discursos visuais na e da cidade e implicam diferentes relações ético-estéticas (GUATARRI, 1990) no desenho urbano e na experiência do corpo pela cidade. Como práticas urbanas, se manifestam buscando uma forma alternativa de intervenção e produção do espaço social e urbano. Uma ação social que segue na perspectiva de apropriação do espaço público, através da ação direta entre o corpo grafiteiro e os planos da cidade contemporânea, assim contribui na criação de um espaço diferencial, em diálogo com a sociedade, através da arte como manifestação pública.

¹ Dissertação de mestrado defendida pelo Programa de Pós Graduação em Arquitetura e Urbanismo – PROGRAU|UFPEL, 2015. Link de acesso à dissertação de mestrado: <http://prograu.ufpel.edu.br/uploads/biblioteca/dissertacao_barbara_hypolito_2015.pdf>

² O termo *pixação* (com X) refere-se ao *pixo paulista*, visto que *pichação* (com CH) se refere a quaisquer escritos na paisagem urbana (LASSALA, 2010). Optamos utilizar, nessa escrita, o termo com “X”, no entanto, utilizaremos a grafia com “CH” nos casos de citação bibliográfica, a fim de manter a originalidade da referência.

Caracterizam-se por uma linguagem própria marcada pela necessidade de expressão e transgressão, e por meio da qual alguns grupos almejam transformar a realidade social. Neste sentido, as manifestações visuais aplicadas em muros, fachadas e monumentos urbanos subvertem a arquitetura das cidades, ao mesmo tempo em que compõem seu complexo contexto atual (LASSALA, 2010). *Graffiti* e pixação são termos popularmente associados, no entanto, diferenciam-se em muitos aspectos, principalmente, segundo Ramos (1994) na linguagem empregada, na estética e na forma de apropriação dos espaços públicos.

Ao *graffiti* associa-se uma preocupação estética na ação, interessa aqui o processo de criação, com enfoque ao produto final, valorizando o resultado do trabalho e o espaço em que se insere. Quando o *graffiti* se utiliza de escritos, em geral eles o são na forma de bomb, uma técnica com letras desenhadas de forma rápida, mas com contorno e arredondadas, simulando volume à escrita, e apesar de utilizarem cores é a forma que mais se aproxima da pixação (LASSALA, 2010).

A pixação como conceito é um produto brasileiro designado para os escritos urbanos compostos por letras estilizadas, com poucas cores e de rápida reprodução. Mantém o enfoque ao ato, tem tom de protesto e de reconhecimento. E ainda, por um direito à cidade, ao território. Os termos "pichação" e "pichadores" referem-se ao piche como primeiro material utilizado para esse tipo de inscrição urbana.

As motivações do movimento artístico e de resistência se dão pela busca de adrenalina, reconhecimento, rebeldia, para que sejam visualizados nas ruas mais movimentadas da cidade; sempre fugindo da polícia e da ilegalidade dessa ação de protesto. O que importa ao pixador é a quantidade; quanto mais letrados existirem na cidade, com o logo de uma crew (grupo de pixadores) ou do próprio pixador, mais reconhecimento terá.

A pixação é um fenômeno cultural que objetiva a comunicação, se expressa por meio de símbolos e códigos ilegíveis aos leigos, fato que passa a reverter uma questão social: quem são os analfabetos aqui? Talvez por não apresentarem uma linguagem clara, o pixo é associado, por muitos, à poluição visual e vandalismo; ou, ainda, pela afirmação de suas regras e gramáticas próprias de ocupar o espaço urbano.

Todas essas manifestações passam a entrar na dinâmica urbana de forma interativa (GITAHY, 1999) evi-

denciando as “desimportâncias urbanísticas” (RAMOS, 1994), assim como o flagra de que as cidades se desenvolvem sem atender as demandas de sua sociedade. Arquiteturas abandonadas, muros, fachadas, tapumes, prédios públicos e privados são alvos dessas expressões.

Todas elas se manifestam e compõem os espaços urbanos nessa contemporaneidade e fazem refletir sobre as relações entre arte, estética, intervenção, constituição de indivíduos e suas subjetivações no âmbito da experiência urbana. Por vezes, colorem e levam arte às ruas; outras vezes, se fazem por siglas e marcações de territórios, noutras ainda, através de escritos que questionam as relações humanas e as práticas sociais, estimulando o pensamento acerca da própria vida humana.

Funcionam mesmo como elementos visuais, inscritos no espaço urbano e operam compondo a paisagem da cidade. Dessa forma, as escritas urbanas possibilitam novas formas de os indivíduos habitarem, se expressarem e se relacionarem com o meio urbano. Evidenciam, ainda, os problemas e a necessidade de expressão de uma parte da sociedade que vê suas vozes silenciadas pelo poder.

Cidade, corpo e escritas – uma experiência urbana

A cidade é um “artefato da cultura” (MAGALHÃES, 2007, p.93) repleto de complexidade e de contradições, expressão pura de uma sociedade multicultural e do resultado dos planos urbanísticos e sociais nela inseridos. “As cidades são imensas máquinas [...] produtoras de subjetividade individual e coletiva” (GUATTARI, 1992, p.172). É a própria expressão coletiva, trata com e das diferenças, com múltiplos agentes, olhares e culturas de referência e cujas conformações urbanas se apresentam também como modelos da diversidade.

Fragmentação, heterogeneidade e dispersão são também termos utilizados por Secchi (2006) como aspectos visíveis da cidade contemporânea, atribuídos às mudanças nos meios de comunicação e transportes. Cidades divididas, fragmentadas, com consequências drásticas para a interação social, a convivência e a circulação das pessoas. Os processos de globalização assemelham as cidades contemporâneas, homogeneíza as subjetividades, seguindo uma lógica disciplinar baseada no controle e essa homogeneização corpo-

rifica no âmbito urbano uma forma de ser, ver, viver e conviver (RINK, 2013). SORRIA! - pois, para o seu bem - VOCÊ ESTÁ SENDO FILMADO constantemente!

A aposta então parece estar na potência dos encontros que criam os lugares e os espaços públicos, a fim de acolher as diferenças da cidade contemporânea. Já que existe uma tendência na prática arquitetônica de isolamento, de condomínios e bairros fechados, de afastamento das periferias e da construção de casas para proteger seus habitantes do crime ao invés de integrá-los às comunidades que pertencem, vê-se no espaço urbano e público da cidade contemporânea a possibilidade dessa integração. O retorno ao convívio social, das relações de vizinhança e da comunicação interpessoal. Isto se dá a partir de micro ações, alternativas, a fim de devolver à população a sensação de criação de lugares e de apropriação do espaço urbano.

Uma ação que tem se mostrado potente na criação de lugares e na apropriação de espaços públicos pela população se dá através da prática das escritas urbanas e de intervenções que utilizam a arte como um dispositivo para a comunicação, a geração de encontros e a renovação do ambiente urbano. Algumas ações promovem, ainda, atividades ou eventos culturais chamando a população a interagir, vivenciar e experimentar a cidade.

Andar pelo espaço urbano implica corpo e cidade - dois organismos complexos tanto na forma como em seus funcionamentos. Ambos compreendem, em seu cerne, campos de tensão, lugares de conflito e de forças capazes de criar ou destituir agenciamentos e subjetividades, relações e territórios. Eles se relacionam a partir da experiência urbana³, numa condição de pertencimento mútuo, onde o corpo interage com o lugar que percorre e se expressa a partir da sua corporalidade (JACQUES, 2008).

Por outro lado, em contraponto às ações de resistência, a ênfase contemporânea no excesso de informação, excesso de opinião, a falta de tempo e o excesso de trabalho (LAROSSA, 2002) tornam a experiência cada vez mais rara, resultando num processo de "empobrecimento, diminuição e domesticação da experiência corporal e sensível das cidades" (JACQUES; BRITO, 2012, p.144).

Pensar a cidade de forma heterogênea, como um complexo campo de práticas sociais, políticas, artísticas e culturais, através de ações de apropriação do espaço público pela população, construindo uma cidade para

³ Experiência, segundo Larrosa (2002, p.21), "é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca", seguindo nessa linha de pensamento a experiência urbana seria, então, o que NOS acontece durante o percurso pelo espaço urbano; uma experiência corporal que deixa marcas tanto no corpo quanto na cidade. A experiência urbana fica gravada no corpo de quem a experimenta, definindo-o mesmo que involuntariamente, ao que se denomina corpografia urbana (JACQUES, 2008).

todos, implica vivenciar o ambiente urbano, experimentar ativamente a cidade a fim de transformá-la. Um processo de apropriação do espaço urbano, coletivo, ressignificando-o, num ato de retomada do território, por um direito à cidade. Trata-se de pequenas ações, micropolíticas, um trabalho de formiguinha, coletivo. Nesse sentido, a arte urbana e as manifestações públicas, como a prática do *graffiti*, funcionam como alternativas que, aliadas ao planejamento urbano, conjugam outras possibilidades de uso do espaço urbano, mais corporificadas.

Visto que, como recorda Magnavita (2012, p.31), “o importante não é lamentar a perda, mas, criar eticamente algo na variação contínua da existência.” Assim, o importante se faz nas contribuições que auxiliam em direção a uma intensa variação dos modos de existir, no enriquecimento da experiência urbana e na criação de alternativas de apropriação da cidade.

Jacques (2010) dá pistas sobre alternativas possíveis para o espetáculo urbano, sugerindo a participação, a experiência efetiva e a prática dos espaços urbanos que passam pela experiência corporal e sensorial da cidade; a cidade passa a ser viva e vivida. A autora vê na experiência artística, na arte urbana, uma possibilidade de ação questionadora dos consensos, capazes de estimular outras formas de dissenso, apropriando-se do espaço público, profanando a cidade espetáculo, criando experiências mais sensíveis entre corpo e cidade. Tais ações não hegemonomizam ou mascaram os conflitos urbanos, mas contribuem para a mostra da tensão urbana contemporânea.

Uma ação artística enquanto micro-resistência, experiência sensível questionadora de consensos estabelecidos e, sobretudo, potência explicitadora de tensões do e no espaço público, em particular diante da atual pacificação, despolitização e estetização consensual dos espaços públicos globalizados (JACQUES, 2010, p.116).

Nesse sentido, dialoga com a prática dos escritores urbanos que ativam o cenário público das cidades, através de uma experimentação que atualiza o ambiente deixando marcas que se propõem a dialogar com a população, evidenciando as práticas sociais e as relações entre os corpos e o espaço urbano coletivo. Tal ação passa a ativar ruas, fachadas, espaços abandonados e corpos, impulsionando a criação de novos sentidos potentes de existência, contribuindo na constituição de um pensamento crítico acerca da realidade e propondo aos corpos outras possibilidades de experimentação urbana, um tanto mais sensíveis.

Experimentando uma metodologia

Entendendo a cartografia como um método de pesquisa cuja essência está na possibilidade de enxergar o não visível, as diferenças, de habitar cenários socioculturais não demarcadas nos mapas habituais, a pesquisa investiu numa busca processual da realidade, apostando na experimentação do pensamento, dando voz aos *afectos*⁴ que pediram passagem. Assim, aproximações e mergulhos nas intensidades desse tempo contemporâneo aconteceram, atentando às linguagens encontradas através das escritas urbanas pelo cenário de Pelotas e seus agentes, e se apropriou daquelas que pareceram elementos possíveis para a composição desse mapa cartográfico.

⁴ Ação de afectar (afecção) refere-se ao conceito de afecto entendido como uma variação contínua da força de agir e existir do corpo, um estado de vibração que se dá a partir de um encontro. (SPINOZA, 2007[1677]).

O método reconhece que toda pesquisa é intervenção e propõe o traçado de um plano de experiência (enquanto intervenção) que acompanha os efeitos do percurso da investigação e onde o apoio da investigação está justamente no “modo de fazer”. Nesse sentido, o conhecimento vai se produzindo sem previsões impostas, mas num campo de implicações cruzadas – de forças, atravessamentos e subjetividades – que compõem a realidade (KASTRUP, 2010).

Pretender-se nessa experiência de cartografar implicou acompanhar os processos de transformação da realidade em que se faz a pesquisa, no bairro do Porto da cidade de Pelotas/RS, e necessitou um olhar crítico sobre a sociedade contemporânea, um mergulho por suas diferentes linguagens, pelos mecanismos virtuais, fílmicos e artísticos que se apresentaram. Implica também, colocar-se, com todo o corpo vibrátil, em experiência com a realidade que este cartógrafo habita e percorre, observando e coletando elementos sobre os processos de formação dessa realidade, as relações que se estabelecem, a lógica que segue e suas sutis subjetividades atentando às potências que pedem para que sejam agenciadas.

A ação de uma experiência de pesquisa, então, que se faz crítica, pensante e sensível, tendo a cidade de Pelotas como o campo de encontros e aprendizados. O método possibilitou a composição de um mapa, a partir de deslocamentos pela cidade, acompanhando os “escritores urbanos”, seus corpos em ação, e as transformações que foram ocorrendo na paisagem e no olhar dos transeuntes. Um corpo que pesquisa e que se coloca em ação, sem neutralidade, que se envolve, pergunta, conversa, entrevista e investiga os processos de resistência, de manifestação e de transformações através da prática das escritas urbanas -

graffiti, pixação, stencil e frases que se inscrevem pelos planos arquitetônicos da cidade.

As etapas do percurso não foram estabelecidas anteriormente, no entanto, alguns procedimentos metodológicos surgiram no decorrer do processo da investigação, e são: pesquisa de campo, levantamento fotográfico, entrevistas cartográficas, mapeamento, conversa-observação *in loco*, revisão bibliográfica (referencial teórico) e experimentações (estudos de caso) na cidade de Pelotas/RS.

O processo permitiu uma análise da experiência urbana na cidade de Pelotas/RS, a partir da relação que os corpos estabelecem com as escritas urbanas encontradas, estabelecendo pontes com outras existências, ruas, bairros, cidades, etc., qualquer lugar. E, ainda, resultou em três experimentos, ou experimentações, que visaram investigar como as escritas urbanas, inscritas no espaço público, interferem na leitura da cidade e na experiência corporal dos indivíduos. O experimento 1 trata sobre a intervenção do *graffiti*. O experimento 2 refere-se ao acompanhamento dos escritos. O experimento 3 aborda a manifestação da pixação.

A pesquisa escolheu, ainda, relacionar os experimentos (resultados) a conceitos da Filosofia da Diferença⁵, com base nas ideias de Deleuze e Guattari. Tal escolha permitiu aproximações entre urbanismo, arte, intervenção e filosofia. Se fez necessária para potencializar a investigação no contato com as diversas experiências corporais que o percurso trilhou e instigou uma reflexão crítica e múltipla acerca da construção da realidade contemporânea e as subjetividades imbricadas nesse contexto.

Experimentações

A pesquisa de campo na zona portuária (próxima à zona universitária) da cidade de Pelotas/RS, acompanhada de levantamento fotográfico, demonstrou a intensidade dessas manifestações em muros abandonados, equipamentos urbanos e fachadas privadas. Durante o trajeto, na experiência de percorrer as escritas urbanas e seus agentes, uma questão se mostrou latente, uma diferenciação entre as formas de expressão manifestas.

Todas as intervenções são entendidas, aqui, como escritas urbanas, no entanto, no mundo são todas denominadas *graffiti*; no Brasil elas se diferenciam entre *graffiti* e pixação. No entanto, a cartografia expressa

⁵ A filosofia da diferença vincula-se ao movimento pós-estruturalista e é "um movimento de pensamento que corporifica diferentes formas de práticas crítica" (PETERS, 2000, p.29). Uma filosofia que constrói seu pensamento a partir da diferença, do que escapa, das fissuras, dos signos emitidos. Trata-se de uma ruptura com a estrutura pré-determinada, com os paradigmas. Um modo de pensar, um exercício do pensamento que aposta numa filosofia prática, onde os conceitos são colocados em funcionamento, em operação, e cuja realidade se dá como uma construção social e subjetiva. A linha filosófica de -Foucault, Deleuze e Guattari tem como expoentes Espinosa, Bergson e Nietzsche. Assim, se faz um novo modo de entender o homem, a natureza, o mundo, as relações, a sociedade, a linguagem, os valores e a vida.

na pesquisa percebeu um outro tipo de escrita, que se faz por frases e, assim, se diferencia da pixação propriamente dita cuja expressão se apresenta principalmente através de siglas e letras estilizadas. Portanto, com o fim de evidenciar tal diferença, e pela força que tais frases se fizeram agenciar com o corpo-pesquisador, fez-se necessário distingui-las da pixação, denominando-as de escritos, assim mesmo, grafado em itálico.

Os experimentos que seguem são frutos do percurso trilhado e dos encontros que se fizeram potentes com as escritas urbanas manifestas e seus escritores, durante a construção da pesquisa. Eles visam possibilitar a leitura do espaço urbano a partir do corpo sensível afectado pelas inscrições e as modificações que acarretam à experiência corporal pela cidade.

São chamados “experimentos” porque algo no encontro entre corpo, cidade e escritas urbanas tocou, deixou marcas e marcou. Um acontecimento, um experimento, uma corpografia, que reflete a própria experiência corporal e de pensamento pela cena urbana. A experiência de um corpo pela cidade pode ser facilitada ou inibida por diferentes fatores, mas a experiência destacou alguns elementos que foram capazes de disparar, de acionar, processos, devires, de impulsionar à invenção de realidades nessa contemporaneidade.

O modo foi olhar para a cidade e o que se inscreve nela, cartografando os processos de transformação do ambiente através das escritas urbanas e dos corpos agentes dessa intervenção, que passam a constituir uma realidade processual no espaço público, modificado cotidianamente pela marca dessas manifestações. Tais marcas foram divididas em três tipos principais: o *graffiti*, os *escritos* e a pixação; diferenciadas pela estética, pela proposta e pela forma de expressão. O percurso resultou também em um mapa (figura 1), referente ao percurso traçado e as escritas urbanas encontradas.

A experiência dessa cartografia percorrendo as escritas urbanas narrou uma Pelotas desejanse de novos agenciamentos (sociais, políticos), de novas relações humanas. Uma cidade que concentra seus escritos nos locais abandonados, como que chamando a atenção ao abandono do ambiente urbano, da arquitetura e do pensamento crítico acerca da sociedade que se faz nessa contemporaneidade. Assim, trazem a palavra, a arte e as marcas como que reterritorializando esses espaços de cidade esquecidos, tornando-os lu-

gares de experiência, através do corpo do grafiteiro e do pixador, que tem na tinta uma forma de reconexão entre o corpo-sujeito-usuário da cidade e os planos que a edificam.



Figura 1
Mapa cartografado na experiência de percorrer as escritas urbanas em Pelotas/RS.
Fonte: do autor, 2015.

Graffiti – traçando linhas de fuga

O Experimento 1 trata sobre o *graffiti* (figura 2), impresso em forma de desenhos realistas ou abstratos, que explora as cores e evidencia a arte como expressão. Seus atores são artistas, que com domínio do fazer artístico. Foi o investimento primeiro na pesquisa, a partir do qual as outras manifestações pediram passagem. Por enfatizar a questão da arte como forma de expressão urbana, optou-se por agenciar o experimento ao conceito de “linha de fuga” (DELEUZE, 1998).



Figura 2
Graffiti. Zona do Porto, Pelotas/RS
Fonte: do autor, 2015.

O *graffiti* insere a arte no espaço urbano, uma *street art* expressa com tinta e spray, onde os grafiteiros se apropriam de um muro, um fragmento da cidade, para intervir com desenhos, cores e texturas. Tendo a arte como forma de interação com o mundo a partir da emissão de signos e sensibilidades, interferem no espaço e na experiência corporal realizada ali. Estabelece, assim, uma relação direta entre corpos-sujeitos e cidade, a fim de criar e ampliar os sentidos através da construção de situações onde a arte se propõe a transformar criativamente a realidade urbana.

Trata-se da transformação do espaço público pela interferência artística, questionadora dos consensos, criativas, que impulsionam a constituição de sujeitos e ambientes mais corporais e sensíveis aos processos cotidianos da sociedade. Funcionam, assim, como uma espécie de "linhas de fuga", desvios no percurso rotineiro, pequenas efemeridades na concreta cidade que se processa e se constrói cada vez mais dura e vertical nessa contemporaneidade.

A linha de fuga é uma desterritorialização. [...] Fugir não é absolutamente renunciar às ações, nada mais ativo que uma fuga. [...]. É igualmente fazer fugir, [...] fazer fugir algo, fazer fugir um sistema como se arrebenta um tubo... Fugir é traçar uma linha, linhas, toda uma cartografia (DELEUZE, 1998, p.30).

Assim, o que interessa aqui é pensar o que transborda, que traça linhas de fuga, de movimento, ruptura, multiplicidades (DELEUZE, 1995), constituindo zonas de experiência, processos de desterritorialização, na constituição subjetiva do corpo-sujeito em interação com as manifestações da cidade. Um movimento no qual se abandona um território, e se opera uma linha de fuga, um desterritório (DELEUZE, 1997), uma ação criadora que subverte a prática da experiência urbana descorporificada. A arte, nesse sentido, chama à interação, provoca deslocamentos e rupturas no caminhar rotineiro, estabelece controvérsias.

O momento de execução do *graffiti* promove uma ocupação momentânea do espaço público. Trata-se de uma parada no tempo, onde o artista abstrai os rumores urbanos em seu ato de criação, e passa horas no encontro entre corpo do artista e aquele fragmento-corpo da cidade. A relação entre transeunte e *graffiti* trata de uma questão de sensibilidade do corpo que aprecia a arte e das permissões deste na entrega ao desconhecido. O corpo-espectador sensível é capaz de ultrapassar a contemplação e se jogar à construção de novos sentidos para si e ao meio, num processo de pertencimento à obra e, assim, também à cidade.

Os *graffitis* cartografados no percurso apresentam-se de maneira dispersa pelos caminhos, mas, seus lugares passam a conectar os espaços fragmentados da cidade. As zonas onde predominam o abandono estão preenchidas com pequenos *graffitis* de diferentes autores. Produzidas principalmente por artistas locais, reconhecidos na cena cultural da cidade, os *graffitis* são a mostra das técnicas de desenho criadas por cada um. A principal intenção é levar arte às ruas, aos olhos e acesso de todos que fazem do espaço público seu cotidiano.

O *graffiti* é aplicado por intenção e custo do artista principalmente em fachadas e equipamentos abandonados e a intervenção ocorre, em geral, durante o dia; horas são investidas na produção de uma arte que se faz como se estivesse sendo executada sobre uma grande tela. Por outro lado, há muitos casos em que o *graffiti* é feito sob encomenda, pelo morador, como forma de remédio às pixações que, da noite para o dia, surgiram sobre a fachada da residência. Este é

um fato controverso, pois a pixação ainda é caracterizada como poluição, ato transgressor, não autorizado, uma invasão na privacidade dos moradores.

São intervenções que modificam o uso cotidiano do espaço público, embelezando, qualificando e gerando controvérsias, indicando novos modos de utilização do espaço urbano, como vetores de sensibilidade e ação. A experiência urbana atravessada pela arte possibilita uma aproximação entre o pensar e o sentir, contribuindo na construção de novos modos de vida a partir dos agenciamentos que faz, implica ainda reflexão acerca do mundo.

Como linhas de fuga subvertem e produzem novas relações e intensidades de força, operadas pelos corpos-sujeitos. Dessa forma, criam e se multiplicam como protesto e manifestação da vida contemporânea, apoiando-se "sobre uma linha de fuga que permita explodir os estratos, romper as raízes e operar novas conexões" (DELEUZE, 1995, p. 23). Apostam na interação com o público, levando arte à urbe, se fazem ainda como luta, num ato de resistir, ao apagamento, à falta de interesse da população, ao questionamento sobre o papel da arte na construção do ambiente urbano.

Lançam a linha, traçam um plano, intencionam transformar a dura realidade que as cidades contemporâneas têm se convertido. Linhas que ora se bifurcam ora tangenciam os regimes configurados de saber e poder, constituindo formas singulares de resistência e fuga. Um acontecimento que atravessa a experiência do real, colocando em variação as condições da vida nas cidades e as relações de força estabelecidas, atualizando o projeto urbano através da arte.

Como um dispositivo de sensações, acionam o corpo a processos de desterritorialização, o *graffiti* faz vazar a estrutura dominante, a arquitetura e o urbanismo que produzem cidades cada vez mais descorporificadas nessa contemporaneidade, propondo a experiência com a multiplicidade, os interagenciamentos (DELEUZE; GUATTARI, 1997) e a diferença.

Escritos em afecto

O Experimento 2 aborda os *escritos* (figura 3), expressos através de frases de cunho poético ou político e que mantém uma forma de escrita comum à língua portuguesa, de fácil entendimento à qualquer pessoa alfabetizada. Seus atores são escritores, pessoas comuns, cidadãos que vêm nos planos do espaço público um local potente de comunicação acerca

da realidade contemporânea. Pelo tom poético e pela força que as palavras ainda tomam numa contemporaneidade potencialmente imagética, apostamos em agenciar esse experimento à idéia de “afecto” (SPINOZA, 2007 [1677]).

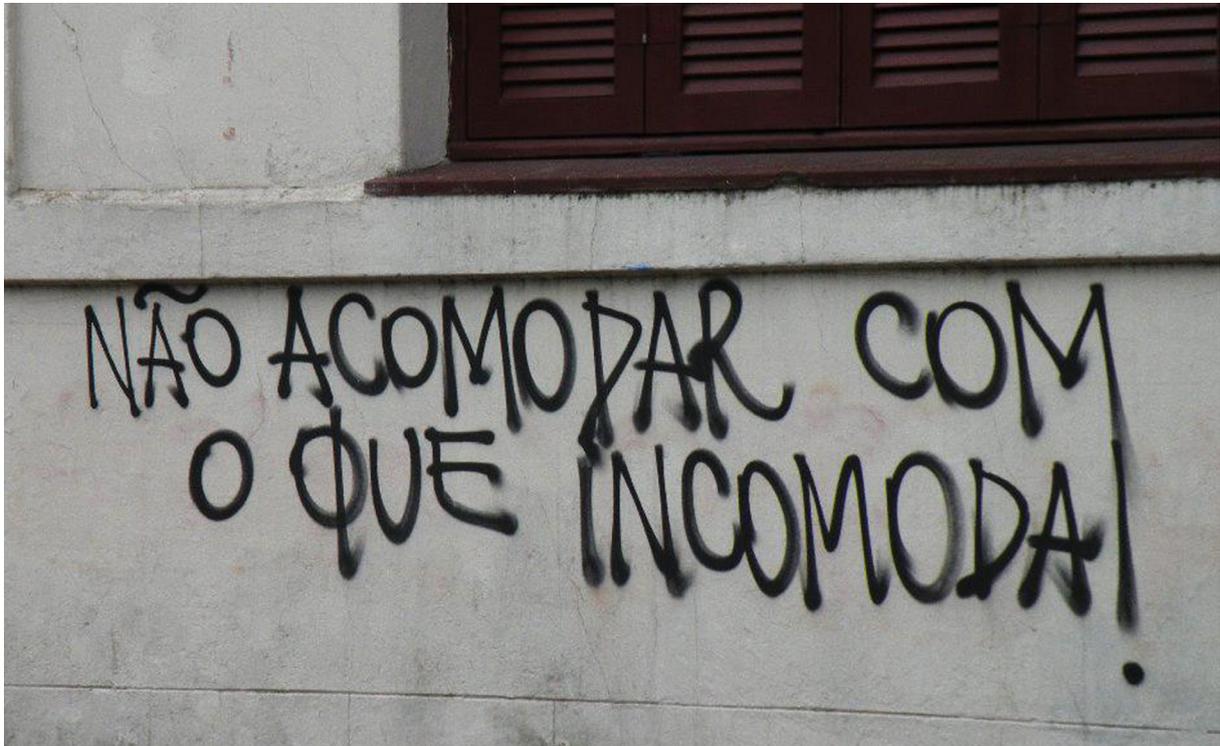


Figura 3
Escritos. Zona do Porto, Pelotas/RS
Fonte: do autor, 2015

Sobre as peles da cidade se inscrevem palavras, frases, poéticas urbanas, escritos. São como vozes que parecem querer lembrar à sociedade da beleza e das potências de se viver em comunidade. Por vezes poetizam, reterritorializando o ser contemporâneo, noutras vezes são de ordem política alertando para a miséria, a diferença social instaurada, o crime, os movimentos políticos e sociais.

Como intervenções políticas enunciam sentidos, palavras de ordem contra a publicidade barata e capital. E ainda, falam sobre o aprisionamento dos corpos e os processos de subjetivação estabelecidos pelas máquinas de poder. São como marcas sensíveis do contemporâneo, que levantam questões latentes de âmbito social e cultural, apostando em outras possibilidades de uso, de comunicação e de leitura na/da cidade. Assim, reinventam a sensibilidade urbana e as subjetividades implicadas nos corpos que vivem e experimentam a cidade.

Tratam-se de frases escritas no cenário urbano que emitem signos, pelo encontro dos corpos com os escritos e os afectam, variam a potência de agir e existir, modificando-os (afecção). Num processo que passa pelo reconhecimento do corpo sobre o que ali se manifesta produzindo conhecimento e pensar crítico. Evidentemente que isso depende de um grau de sensibilidade, individual, e se refere ao tanto de atenção que o indivíduo é capaz de investir ao que lhe afecta no dia-a-dia.

Há três tipos de afectos: alegria, tristeza e desejo. Num encontro que produz alegria, a variação da potência é elevada; por outro lado, num encontro que produz tristeza, a variação da potência é reduzida. Deleuze relaciona o afecto à potência. À variação da potência chama-se afecção. Ao desejo se relaciona a ideia de construir agenciamentos (DELEUZE, 1997(a)), é uma produção, uma transformação, uma potência de criação. E assim se fazem o encontro dos escritos com os corpos transeuntes na cidade de Pelotas, eles demonstram uma potente capacidade em produzir afecções!

Dentre os *escritos*, um em especial chamou a atenção, causou demora e colocou este corpo que pesquisa, a pensar. Trata-se de uma palavra cheia de sentidos, que tem se espalhado pelos muros da cidade de Pelotas, expressa em diferentes técnicas e diz: "afeto". Em entrevista, o autor da inscrição "AFETO" salienta sua intenção em afetar as pessoas, o espaço público, a cidade, as relações humanas: "porque é cada vez mais escassa a maneira como a gente se lida, toda essa função do individualismo, do capitalismo" (AFETO, 2015).

Num geral, os *escritos*, em frases ou palavras, se manifestam além do registro da marca, mas pretendem transmitir uma ideia, uma mensagem, impulsionando a construção de novos sentidos sociais. São como vozes constituindo novos saberes, incentivando novas formas de lidar entre as pessoas e com o ambiente em que vivemos.

Uma ação feita por pessoas comuns, cidadãos, sensíveis aos movimentos incorporais estabelecidos na cidade, que emitem signos, reflexões, mensagens de amor e de luta pelos planos vazios do espaço público. Sobre muros abandonados, tapumes, portões e fachadas inativas. Utilizam da força das palavras, com uma grafia simples a qualquer cidadão comum e não necessitam o domínio de uma técnica específica. Dessa forma, se diferenciam do pixo e do *graffiti*, tanto na estética quanto na forma de expressão, e se assemelham, pela necessidade de transgredir e de comunicar.

As palavras, assim como as imagens, têm o poder de manipular ou emancipar, pois trabalham com o imaginário do ser. Elas são as principais ferramentas de comunicação do tempo contemporâneo, em meio à internet e às redes sociais. Assim, os *escritos* se manifestam como ação crítica e questionadora, pretende fazer pensar, destituir os processos manipuladores que aprisionam o pensamento a modelos morais, de certo e errado, faça isso ou aquilo, devolvendo ao indivíduo a capacidade de produzir suas próprias questões acerca da realidade.

São falas de corpos desejanter. Desejanter de novos agenciamentos, de multiplicidades, de outras construções possíveis na realidade social contemporânea, que se fazem através da palavra, pelo poder da linguagem.

Dessa forma, os escritos se produzem por *afectos*, por estados de vibração a partir do encontro entre corpo e frase inscrita na parede, colocando em "movimento devires ativos, investindo uma ética da potência" (FUGANTI, 2010). Potências de vida, de pensamento crítico, que contribuem em variar as possibilidades dos modos de existência e de relações interpessoais na cidade. Favorecendo a experiência corporal urbana e o pensamento questionador, reterritorializando o ser contemporâneo, estimulando-o à criação de outras realidades, outros territórios mais sensíveis e corporificados.

Pixo e território

O Experimento 3 investiga a pixação, ou pixo (figura 4), que se faz por tags e siglas com nomes de crews ou grupos, e apresentam uma grafia estilizada, apreendida por muitos como poluição e sujeira, mas que mantém uma leitura clara por parte dos seus agentes, os pixadores. Por constituir um lugar comum para alguns e hostilizado para outros, adotou-se a noção de "território" (AGAMBEN, 2007) para o agenciamento com o experimento.

Dentre as intervenções urbanas investigadas, o pixo se revelou como aquela que gera maiores controvérsias de opinião pela população, poder público e imprensa, vista como poluição, vandalismo, ato transgressor e rebeldia. Manifestam-se sem autorização, com spray ou rolo de tinta, geralmente, na calada da noite, em movimentos rápidos (as saídas são denominadas pelos pixadores de "rolê"), quase imperceptíveis. E assim, a sociedade contemporânea passou a demonizar o pixador e a pixação, em favor às fachadas brancas, lisas, intocadas; reflexos de uma sociedade do espetáculo, pouco atenta aos processos catastróficos que

a dinâmica capital do consumo, do individualismo e do poder na mão de poucos passou a constituir, os incluídos e os excluídos sociais.



Figura 4
 Pixo. Zona do Porto, Pelotas/RS
 Fonte: do autor, 2015

Como que um processo de inconsciência, de neutralidade, estivesse instaurado, acerca do papel de cada um, no regime das práticas sociais estabelecidas no cenário urbano. É evidente, que num país “democrático” como o Brasil, o cidadão tem direito sobre o seu muro branco, por outro lado, a pixação também é reflexo dessa democracia “para poucos”. Ironias da vida contemporânea. Nesse sentido, o pixo se mostra como uma marca pelo direito à cidade, uma assinatura à exclusão social e territorial.

O território é o próprio do cotidiano, onde a vida se passa e por ali se passa o que se vive. Num movimento de profanação (AGAMBEN, 2007) do espaço a partir do novo uso ali inventado. Assim se fazem os pixos pela cidade de Pelotas, profanam o espaço sagrado, gritam, fazem ouvir as vozes por trás das marcas, siglas e TAGs, marcam o território, criam outros territórios e

afirmam as diferenças. Profanar, para Agamben, não implica abolir as separações, “mas aprender a fazer delas um uso novo, a brincar com elas” (AGAMBEN, 2007, p.75).

A cena do movimento da pixação em Pelotas difere daquela expressada nos planos verticais da cidade de São Paulo, principalmente no que tange as “escaladas”, prática de escalar prédios marcando os topos mais altos da cidade. Noutros aspectos, se assemelham, visto que, os pixadores têm a mesma intenção de popularidade, prestígio e reconhecimento, espalhando seus símbolos. Eles são, em sua maioria, jovens de bairros da periferia e buscam pixar na maior quantidade de lugares, em pontos de maior destaque, pois isso representa mais status dentro do circuito dos pixadores.

O circuito criado pelo movimento do pixo na cidade se relaciona também à prática do skate e do hip hop, e remetem a uma “cultura da rua” com um estilo de se portar e vestir comum entre eles. A adrenalina é a principal motivação para a prática, somada ao caráter contestatório de reagir à vida em sociedade, e às dinâmicas de exclusão. Por outro lado, esta é também uma maneira de justificar suas ações, por se afirmarem como protesto, a atividade passa a estabelecer mais sentido à população. A efemeridade da intervenção do pixo é mais corriqueira do que a percebida no movimento do *graffiti*, assim como a questão da repressão policial. Muitas residências investem em repintar as fachadas pixadas, uma, duas, três vezes, até que um dos dois vence, pixador ou morador.

Na zona mapeada, a pixação concentra-se principalmente na área universitária, sobre residências e comércios, e vai dispersando em direção ao centro. Sobre as edificações abandonadas a prática se intensifica. É incrível acompanhar o processo de uma residência que é esvaziada e abandonada, suas aberturas são lacradas com tijolos, a noite passa e ao amanhecer suas fachadas estão cobertas de tinta com siglas, TAGs, crews, como se o abandono desse sentido a uma nova apropriação, da rua, do gueto.

Controvérsias, visto que, a especulação imobiliária crescente investe em imóveis fechados, que ali aguardam para serem derrubados em favor do erguimento de edifícios em altura. No entanto, enquanto o empreendedor volta a sua atenção às finanças, as fachadas sem vida, sem olhos pras ruas, abandonadas e lacradas, acarretam insegurança aos transeuntes, que passam a circular por ruas esvaziadas de vida. Assim,

novos usos se dão. Os pixadores se apropriam dos abandonos a fim de marcar seus territórios.

A não compreensão e o aspecto de sujeira talvez se deem pela forma com que se expressam, através de símbolos e grafias estilizadas não comuns à linguagem falada, por siglas e tipografias criadas especificamente para o pixo. O TAG RETO é o estilo mais comum de grafia, faz uso de traços retos ou angulosos, e se referem, quase sempre, à denominação de um grupo de jovens ou ao apelido de um pixador individual. Em Pelotas percebeu-se também presença do WILD STYLE, um estilo de letras com flechas e torna mais difícil a leitura. Trata-se de um movimento da minoria, de quem está às margens. Uma ação que resiste à opinião da população, da mídia e do poder público, que se faz por necessidade de expressão, demarcação de território, de apropriação do espaço público. Um ato político, de reivindicação.

O pixo profana os planos da cidade espetáculo, afirmando as diferenças e os desejos de uma parte da população excluída do poder de decisão. As periferias funcionam como que se fossem outras cidades, ao redor da cidade formal, assim são vistas por parte da sociedade, urbanizada e central. Então, como uma tentativa de reconquista, do direito ao território urbano, o pixo se manifesta de forma cada vez mais intensa pelos planos de Pelotas. Constituindo um território mais híbrido, mesclado entre formalidades e informalidades, sem autorização prévia, sem planejamento, a partir de um movimento de reapropriação do ambiente público, que é de todos.

Através do corpo do pixador, o pixo deixa marcas físicas, pintadas com tinta, deflagrando as marcas sociais da realidade construída e experimentada na contemporaneidade. Utilizam, principalmente, da noite para penetrar a cidade, e, assim, desviam dos obstáculos maquímicos numa forma criativa de resistência. Transgridem a fronteira, habitam as dobras, operando num sentido de reconquista e abertura do território.

Considerações

A arte e as escritas urbanas - impressas em forma de *graffiti*, *escritos* e pixo - têm a capacidade de criar novos territórios na cena urbana da cidade de Pelotas, a fim de que sejam experimentados pelo corpo contemporâneo através de seus sentidos. Assim, o espaço urbano vai se reinventando em territórios híbridos, se reativando através da arte, das escritas e do uso da cidade pelas pessoas, numa construção emergente de

urbanidade. A cidade vai se tornando um lugar para as pessoas, menos cinza e dura, numa reinvenção do cenário, mais sensível, colorido, artístico e corporificado.

Tratam-se de discursos da urbe, de arte e de escritas urbanas, elementos de linguagem e manifestação da vida pública, inscritos pelas ruas em fachadas, muros, tapumes, equipamentos urbanos, lugares abandonados, espaços públicos e/ou privados. Elementos visuais, poéticas da vida urbana, que se constituem e vão constituindo territórios e realidades, ao mesmo tempo em que vão se transformando, se potencializando e dando passagem a outras criações, outras realidades da vida que se faz cotidianamente nesta contemporaneidade.

São intervenções que vazam a estrutura urbana estabelecida, deflagram as desimportâncias urbanísticas, o que o projeto urbano deixou para trás, que produzem cidades cada vez mais descorporificadas nessa contemporaneidade, e passa a reconfigurar essa paisagem, através da tinta e do spray. Por meio de palavras, ideias, mensagens e marcas, expandem e ocupam o território, desenhando e criando uma outra cidade contida nela própria.

As marcas escritas e pintadas enriquecem a experiência pelas ruas e desvelam as singularidades desse lugar que se faz cotidianamente, chamado Pelotas.

Se descobre, através das marcas deixadas pelas escritas, uma Pelotas desejanse de afeto, de arte e de cultura, e ainda, de políticas públicas, de educação para todos. Uma cidade que almeja a convivência entre as diferenças, que acredita na voz da rua como forma de luta, que grita FORA TEMER, e que grita "passarinhos criados em gaiolas acreditam que voar é uma doença". São escritos que deflagram o analfabetismo social e político, os modos de subjetivação implantados pela mídia e pelas máquinas de controle social. E assim, transformam os muros da cidade de Pelotas em uma grande mídia às avessas, que revela as verdades contemporâneas, profanam o espaço público sacralizado, numa tentativa de devolver a consciência acerca dessa cidade quase esquecida.

Uma Pelotas da burguesia e do turismo, que cada vez mais se encerra em loteamentos fechados, que fecha os olhos aos problemas sociais, à violência crescente, ao abandono de seu patrimônio material e cultural. Uma cidade que tem como principal economia o comércio, alimentada por estudantes advindos de todos os cantos do Brasil e que circulam, basicamente, a pé,

pelas ruas, numa experiência ativa pelo espaço urbano. Dessa forma, culturas vão se entrelaçando, desejos se agenciando, e uma nova Pelotas vai se construindo por esses novos agentes sociais, que vem e vão, deixando suas marcas, constituindo territórios e desterritórios. As escritas dialogam com esse cenário, se fazem também na incerteza, mas por um desejo de comunicação, de voz do corpo e da cidade.

São frases de luta, de protesto, de corpos que desejam uma outra sociedade, uma outra cidade. E assim, Pelotas vai falando, através de seus escritores, que “temos a arte pra não morrer da verdade”, pra “não acomodar com o que incomoda”, que o que importa é “nem ganhar, nem perder, mas procurar evoluir”, que “o pacifismo protege o Estado” e que “o amor só dura em liberdade”. Ela mostra que o território é formado pelo centro e pela periferia, que o “protesto” é uma forma de luta, manifestos pelas TAGS e pelo pixo, e assim, desfazem a fronteira estabelecida entre os ricos e os pobres, se espalham e se multiplicam por uma necessidade de direito ao território dessa Pelotas.

As manifestações do pixo levantam a questão da propriedade, da cidade espetacularizada e cartão-postal, revelam uma sociedade da violência, que por um lado não aceita a violência, mas que é reflexo de um estado da violência.

Os corpos que gritam são corpos de excluídos, jogados às periferias, ou ainda, corpos estudantes, formadores do pensamento social contemporâneo, pensamentos do futuro, há ainda aqueles corpos artistas que traduzem pelos planos, através do spray e da cor, fragmentos de seus estudos diários, de suas criações. Todos eles, corpos criativos, corpos prontos pra lutar, contra o sistema operante, contra as ausências institucionais, contra os modelos subjetivos prontos e midiáticos. Corpos que vivem a cidade no seu dia-a-dia, que produzem essa cidade com os pés, com as mãos, com o pensamento crítico e que vão deixando suas vozes marcadas pelas paredes de uma arquitetura histórica pelotense que necessita dialogar, mais do que nunca, com esse tempo contemporâneo.

Funcionam, assim, como instrumentos alternativos de enfrentamento aos regulamentos formais, ocupando a cidade, investindo ali novos usos, a fim de pertencê-la, como agentes sociais. Chamam à experiência com a multiplicidade, os interagenciamentos, a singularidade e a diferença. Assim, reinventam a sensibilidade urbana e as subjetividades implicadas nos corpos que vivem e experimentam o meio urbano.

Fatos urbanos, que implicam experimentar a cidade através de um andar crítico e experimental. Por vezes colorindo através de desenhos e marcas do *graffiti*, outras vezes palavras, *escritos*, que ao serem assimiladas pelos indivíduos passam a estabelecer uma relação com seus pensamentos, hábitos e questionamentos acerca da própria vida do corpo que ali percorre e da sua relação social com a cidade em que se insere e habita. E ainda, o pixo, gerador de tanta controvérsia e disputa, por um direito à cidade.

O tema das intervenções urbanas gera múltiplos e contraditórios pontos de vista, que revelam o conflito social frente ao uso do espaço público e afirmam a convivência da diferença na cidade. Como discursos urbanos propõem uma narrativa contemporânea e uma transformação processual da cidade e da realidade, relendo o cotidiano através de uma prática que se faz estética, política e efêmera. Como intervenções políticas, as escritas urbanas enunciam sentidos, pensamentos, palavras de ordem contra a publicidade barata e capital, marcas sensíveis de uma época contemporânea, que tratam e levantam questões latentes de âmbito social e cultural, apostando em outras possibilidades de uso, de comunicação e de leitura na/da cidade.

Seja em forma de arte, invenções anônimas, apenas o nome inscrito, ou ainda, um conjunto de desenhos, anonimatos e nomeações, as escritas urbanas se fazem na incerteza da duração, do olhar, do apagamento, da resistência e dos significados que causarão. Mas, funcionam como instrumentos sociais que questionam os territórios, as regulamentações impostas ao espaço, à estrutura e à imagem da cidade, contribuindo na leitura e numa construção mais sensível do espaço público e urbano nessa contemporaneidade.

São iniciativas de apropriação do espaço, de planejamento e urbanidade, que contribuem na leitura e na percepção da cidade, ativando fachadas, ruas e a experiência dos corpos. Assim funciona a prática das escritas urbanas sobre as peles da cidade de Pelotas, como ações sociais, micropolíticas, que estimulam a construção de novos sentidos existenciais nos indivíduos, fomentando o questionamento acerca dos consensos estabelecidos e deixando à mostra as tensões e os conflitos existentes no espaço público.

Em uma sociedade contemporânea marcada pelo capitalismo e pela individualidade, e onde cada vez mais os muros fechados encerram a cidade, distanciando as pessoas. os resultados são a insegurança pública

e o empobrecimento da experiência corporal na cidade. No entanto, o importante não é lamentar a perda, mas criar alternativas que chamem à interação social, à participação efetiva na criação das cidades e à prática dos espaços urbanos.

Então, a favor do enriquecimento da experiência, o encontro entre escrita, corpo e cidade passa a favorecer a experiência corporal pelo cenário urbano e a ativar o pensamento questionador, estimulando o ser contemporâneo à criação de outras realidades, outros territórios mais sensíveis e corporificados. Num sentido de reapropriação do espaço público e urbano.

Referências

- AGAMBEN, Giorgio. *Profanações*. São Paulo: Boitempo, 2007.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs – Capitalismo e Esquizofrenia*. Vol. 1. São Paulo: Editora!34, 1995.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs – Capitalismo e Esquizofrenia*. Vol. 5. São Paulo: Editora!34, 1997.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs – Capitalismo e Esquizofrenia*. Vol. 1. São Paulo: Editora!34, 1995.
- DELEUZE, Gilles. *O abecedário de Gilles Deleuze*. Entrevista com G. Deleuze. Editoração: Brasil, Ministério da Educação, TV Escola, 2001. Paris: Éditions Montparnasse, 1997, VHS, 459min.
- DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. *Diálogos*. Trad. Eloisa Araújo Ribeiro, São Paulo: Escuta, 1998.
- ESPINOZA, Benedictus de. *Ética*. Trad. Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2007[1677].
- FUGANTI, Luiz. *Agenciamento*. 2010. Disponível em: <<http://www.luizfuganti.com.br/escritos/textos/74-agenciamento>>. Acesso em março de 2015.
- GITAHY, C. *O que é graffiti*. Coleção primeiros passos. São Paulo: Brasiliense, 1999.
- GUATTARI, Félix. *As três ecologias*. Trad. Maria Cristina F. Bittencourt. Campinas: Papyrus, 1990.
- GUATTARI, Félix. *Caosmose: Um novo paradigma estético*. Trad. Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. São Paulo: Ed. 34, 1992.
- JACQUES, Paola Berenstein; BRITO, Fabiana Dultra. Corpografias urbanas: relações entre o corpo e a cidade. In: LIMA, Evelyn F. Werneck (org.). *Espaço e teatro: do edifício teatral à cidade como palco*. Rio de Janeiro: 7letras, 2008.
- JACQUES, Paola Berenstein, Zonas de tensão: em busca de micro-resistências urbanas. In: *Livro Corpocidade: debates, ações e articulações* / org. Paola Berenstein Jacques, Fabiana Dultra Britto. Salvador: EDUFBA, 2010.

JACQUES, Paola Berenstein; BRITO, Fabiana Dultra. CORPO & CIDADE: Coimplicações em processo. In: *Revista da Universidade Federal de Minas Gerais*. Belo Horizonte: UFMG, v.19, nº 1 e 2, p. 142–155, Jan-Dez/2012.

KASTRUP, Virgínia; PASSOS, Eduardo; ESCÓSSIA, Liliana. (orgs). *Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2010.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. In: *Revista Brasileira de Educação*. Rio de Janeiro, nº 19, p. 20-28, Jan-Abr/2002.

LASSALA, Gustavo. *Pichação não é pixação: uma introdução à análise de expressões gráficas urbanas*. São Paulo: Altamira Editorial, 2010.

MAGALHÃES, Sérgio Ferraz. *A cidade na Incerteza: Ruptura e continuidade em urbanismo*. Rio de Janeiro: Ed. PROURB, 2007.

MAGNAVITA, Pasqualino Romano. Cidade, cultura, corpo e experiência. In: *Revista Redobra*. Salvador: Cian Gráfica e Editora Ltda, v. 10 p.27-32. Out./2012.

RAMOS, Célia Maria A. *Grafite, pichação & Cia*. São Paulo: Annablume, 1994.

RINK, Anita. *Graffiti: Intervenção urbana e arte*. Curitiba: Appris, 2013.

ROLNIK, Suely. *Cartografia Sentimental, Transformações contemporâneas do desejo*. São Paulo: Estação Liberdade, 2011[1989].

SECCHI, Bernardo. *Primeira Lição de Urbanismo*. São Paulo: Perspectiva, 2006.